



A UTILIZAÇÃO DE CONTEÚDOS DIFERENTES NÃO GARANTE QUALIDADE NAS AULAS: O CASO DO ENSINO O RUGBY NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA

USING DIFFERENT CONTENT DOES NOT GUARANTEE QUALITY IN CLASSES: THE CASE OF TEACHING RUGBY IN PHYSICAL EDUCATION CLASSES

EL USO DE DIFERENTES CONTENIDOS NO GARANTIZA LA CALIDAD EN LAS CLASES: EL CASO DE ENSEÑAR A RUGBY EN LAS CLASES DE EDUCACIÓN FÍSICA

Diego Luz Moura



Doutor em Educação Física (UGF)
Professor da Universidade Federal do Vale do São Francisco (Univasf)
Professor do Programa de Pós-Graduação em Educação Física (Univasf)
lightdiego@yahoo.com.br

Vanessa Alixandre Ferreira



Licenciada em Educação Física
Professora do Colégio Maria Auxiliadora (Petrolina/PE)
leska_vanessa@hotmail.com

João Gabriel Eugênio de Araújo



Mestre em Ciências (Univasf)
Professor do Instituto Federal de Pernambuco (IFPE)
juaunzim@yahoo.com.br

Maria Larissy da Cruz Parente



Mestre em Educação Física (Univasf)
Professora do Colégio Motivo Discente do Programa de Pós-Graduação em Educação (UFBA)
larissyp@hotmail.com

Resumo

O objetivo desse artigo é analisar a experiência no ensino do conteúdo Rugby nas aulas de educação física. O artigo caracteriza-se como uma pesquisa qualitativa, onde foi utilizado o método etnográfico. Foram observadas as aulas de educação física de uma instituição pública de Petrolina/PE. Realizamos uma entrevista com o professor e aplicamos questionários aos alunos. Os resultados apontam que apenas a inserção de conteúdos diferentes não pode ser entendido como uma boa prática ou prática inovadora nas aulas de educação física. A inserção de diferentes conteúdos é de fato uma demanda necessária diversificar o currículo da educação física na escola, mas não pode ser visto como um engodo para atribuir qualidade ou inovação nas aulas.

Palavras-chave: Educação Física. Escola. Ensino. Conteúdo.

Recebido em: 24 de novembro de 2021.

Aprovado em: 16 de abril de 2022.

Como citar esse artigo (ABNT):

MOURA, Diego Luz *et al.* A utilização de conteúdos diferentes não garante qualidade nas aulas: o caso do ensino o rugby nas aulas de educação física. **Revista Prática Docente**, v. 7, n. 2, e22039, 2022.

<http://doi.org/10.23926/RPD.2022.v7.n2.e22039.id1367>



Abstract

The aim of this article is to analyze the experience in teaching Rugby content in physical education classes. The article is characterized as a qualitative research, where the ethnographic method was used. Physical education classes at a public institution in Petrolina/PE were observed. We conducted an interview with the teacher and administered questionnaires to students. The results only point out that the insertion of different contents cannot be understood as good practice or innovative practices in physical education classes. The insertion of different contents is in fact a necessary demand for the physical education curriculum at school, but it cannot be seen as a decoy to attribute quality or innovation in classes.

Keywords: Physical Education. School. Teaching. Contents.

Resumen

El objetivo de este artículo es analizar la experiencia en la enseñanza de contenidos de Rugby en las clases de educación física. El artículo se caracteriza por ser una investigación cualitativa, donde se utilizó el método etnográfico. Se observaron clases de educación física en una institución pública en Petrolina/PE. Realizamos una entrevista con el maestro y administramos cuestionarios a los estudiantes. Los resultados solo señalan que la inserción de diferentes contenidos no puede entenderse como buena práctica o prácticas innovadoras en las clases de educación física. La inserción de diferentes contenidos es de hecho una exigencia necesaria para el currículo de educación física en la escuela, pero no puede verse como un señuelo para atribuir calidad o innovación en las clases.

Palabras clave: Educación Física. Colegio. Enseñando. Contenido.



1 INTRODUÇÃO

De acordo com Almeida (2017), o termo inovação foi importado para o campo da educação pelo debate da área da produção e da administração nos anos de 1950-1960. O debate de inovação nesses campos era entendido como a clarificação de processos para formulação de modelos a serem reproduzidos como ideal em diferentes espaços. Todavia, quando pensamos o ambiente pedagógico, a principal questão que se levanta é: o que estamos chamando de inovação na educação? E na educação física escolar?

No campo da educação é possível observar certa associação entre a ideia de inovação e a utilização de novas tecnologias no ensino com propósito de melhorar o processo, o método, a estratégia ou a forma de como ocorrem as aulas. Contudo, quando analisamos a educação física escolar podemos observar que há, de um modo geral, uma forte crítica mais relacionada à escolha do conteúdo do que ao método e as estratégias de ensino. É comum a crítica, da hegemonia dos esportes como conteúdo das aulas ou a única utilização do “quadrado mágico¹” (futebol, vôlei, basquete e handebol) como os conteúdos hegemônicos de ensino.

E para dar conta desta crítica, a área acabou construindo um entendimento ao redor do termo cultura corporal, que embora não tenha uma definição precisa (MOURA, 2012), sugere que o professor busque diversificar os conteúdos de ensino no currículo. Este esforço de ampliar os conteúdos para além do “quadrado mágico” criou uma indefinição de limites de até onde um determinado conteúdo poderia ser considerado como algo correspondente dentro da ideia de cultura corporal, e logo, um conteúdo curricular. O resultado deste debate foi uma ampliação daquilo que poderia ser considerado como um conteúdo de ensino da educação física. Afinal, a quantidade de práticas corporais e esportes são inúmeros e que tornaria impossível incluir todos em um currículo escolar. Porém, o mais grave foi que essa indefinição de conteúdos não resultou em um aprofundamento do debate sobre os aspectos didáticos do ensino (MOURA, 2012; CAPARROZ; BRACHT, 2007).

Neste embate, entre a falta de uma tradição que delimitassem quais seriam os conteúdos da educação física na escola, a busca por conteúdos diversos, a falta de discussão sobre métodos e a busca por boas práticas ou intervenções que pudessem ser consideradas inovadoras, acabou-se construindo uma apressada relação de que apenas inserir conteúdos diferentes do quadrado

¹ O Quadrado mágico é um termo depreciativo aos currículos de educação física que tratam apenas dos 4 quatro esportes mais tradicionais (futebol, basquete, vôlei e handebol).



mágico (futebol, vôlei, basquete e handebol) seria por si só, um exemplo de uma boa prática ou inovação.

Alguns estudos na produção acadêmica buscaram entender as “boas práticas” no ensino e como essas poderiam auxiliar no desenvolvimento de novas práticas pedagógicas (BRACHT, 2010; FARIA *et al.*, 2012; NEIRA, 2012; FENSTERSEIFER, 2012). Neles foi possível dar visibilidade a determinadas práticas consideradas exitosas, inovadoras ou boas práticas. Contudo, ao analisar os textos que tratam dessa temática percebemos que não há uma clareza acerca das características daquilo que se denomina de boa prática. O único elemento perceptível é que uma boa prática seria aquela que rompesse com aquilo que denominam de ensino tradicional.

Embora não haja características, Fensterseifer e Silva (2011) e Carlan, Kunz e Fensterseifer (2012) apontaram que a utilização de conteúdos diferentes, que sejam abordados de forma progressiva e sistematizada pode ser considerada como uma boa prática no ensino da educação física. Portanto, podemos observar que a literatura ainda carece de indicadores que nos permitam apontar o que seria uma boa prática ou uma prática inovadora.

Identificar essas boas práticas em diferentes ambientes escolares, possui algumas dificuldades como, por exemplo: quais critérios adotar para considerarmos uma boa prática? Essa boa prática deve levar em conta os aspectos elencados pela academia ou pelo campo profissional? Em estudo realizado por Guimarães (2015) buscamos identificar as boas práticas de Educação Física. Naquele momento construímos dois caminhos: entrevistas com alunos de estágio e consulta aos representantes da rede acerca de práticas que poderiam se encaixar em boas práticas. Foi através deste esforço que nos foi sugerido as aulas de Rugby no IF Sertão.

Seguindo esses critérios, fomos até o Instituto Federal do Sertão Pernambucano (IFSertão) na cidade de Petrolina para analisar o ensino do Rugby². O Rugby se iniciou no IFSertão no ano de 2012, quando um grupo de professores da instituição realizou um curso pela Confederação Brasileira de Rugby. Após esse curso a modalidade foi ofertada para os alunos como atividade esportiva após as aulas. A adesão ao Rugby tomou conta do cotidiano escolar

² Na versão tradicional, o criador do rúgbi foi William Ellis, que era estudante da Rugby Schooll e durante uma partida de futebol realizada em 1823, teria ficado irritado com a monotonia do jogo e teria agarrado a bola nos braços e corrido o campo, provocando a ira de seus colegas, que tentaram pará-lo, agarrando-o de qualquer maneira. Teria, assim, nascido o jogo de rugby. Em outra versão, há relatos que nos anos de 1820 e 1830 havia um jogo de futebol que era permitido carregar a bola com as mãos. O objetivo do rubgy é levar a bola para além da linha de gol dos adversários e apoia-la contra o solo para marcar ponto



e alguns professores começaram a inserir o Rugby como um conteúdo das aulas de Educação Física.

A iniciativa do IFSertão avançou no sentido de trazer um conteúdo diferenciado para as aulas de Educação Física. Porém, é necessário entender de que forma ocorre o ensino dessa modalidade esportiva para que as experiências exitosas sejam compartilhadas com outros professores. Neste sentido, o objetivo desse artigo é analisar o ensino do conteúdo Rugby nas aulas de Educação Física.

2 MATERIAL E MÉTODOS

O presente artigo caracteriza-se como uma pesquisa do tipo qualitativa. Utilizamos a observação participante, que é uma técnica que acontece através do contato direto do pesquisador com seu objeto de estudo (VELHO, 1994). Portanto, o esforço do pesquisador é realizar uma interpretação que se aproxime de um entendimento da realidade estudada (GEERTZ, 1989).

O método etnográfico possui origem na antropologia, inicialmente praticado para compreender as culturas chamadas diferentes da realidade letrada do pesquisador. Nesse método, demanda-se uma observação por um período prolongado de contato direto do pesquisador. A etnografia se utiliza principalmente da estratégia de observação participante, que, por sua vez, busca tanto descobrir hipóteses quanto testá-las (BECKER, 1997). De acordo com Becker, o pesquisador de campo leva vantagem em comparação aos outros métodos porque as pessoas investigadas sentem-se constrangidas a agir de modo diferente na ausência do pesquisador. No método etnográfico existe um compromisso e contato prolongado entre as partes, diminuindo a possibilidade de o informante omitir ou mentir sobre qualquer situação. Portanto, o esforço do pesquisador que se utiliza do método etnográfico é o de realizar uma interpretação, sempre parcial porque “A análise cultural é intrinsecamente incompleta e, o que é pior, quanto mais profunda, menos completa” (GEERTZ, 1989, p. 20). Afinal, não é a obsessão à descrição dos detalhes o mais importante, mas a atenção a estes, que podem, em algum momento, arranjar-se em um todo e oferecer um novo entendimento (MAGNANI, 2002).

A pesquisa foi realizada no Instituto Federal do Sertão Pernambucano Campus Zona Rural na cidade de Petrolina-PE. O campus oferece cursos em diferentes modalidades (Nível Médio, Nível técnico, Médio técnico e superior). Foi criado a partir da transformação do Centro Federal de Educação Tecnológica de Petrolina (Cefet Petrolina), pela Lei nº 11.892, de 29 de dezembro de 2008.



A amostra selecionada foi composta por alunos da turma 1101, indicada pela coordenação da escola. A Faixa etária dos participantes variou entre 15 e 18 anos. Utilizamos como instrumento para coleta de dados um questionário misto com questões abertas e fechadas do tipo likert. O questionário apresentava questões relacionadas ao histórico do aluno relacionado à atividade física a sua opinião sobre a escola e sobre as aulas de educação física.

A observação foi feita durante as aulas de Educação Física da turma 1101. O professor da turma foi o professor João³. Ao final do bimestre letivo foi realizada uma entrevista com o professor sobre como foi a sua formação acadêmica, sua experiência com o Rugby, seu contato com o esporte, o que o motivou a inserir o Rugby como componente curricular, sua avaliação sobre a EF no IFS, como era montada suas aulas e como era feita a avaliação dos alunos.

De início seriam observadas quatro aulas de Rugby que aconteceram as segundas-feiras no IFSertão, mas por imprevistos no calendário da escola, feriados, recesso e uma paralização, só foram possíveis observar apenas três aulas no período de novembro e dezembro de 2014. As observações foram realizadas através de uma observação direta e registradas através de um diário de campo.

A pesquisa foi aprovada pelo comitê de ética e deontologia em estudos e pesquisas da Universidade Federal do Vale do São Francisco e encontra-se registrado sob o nº 0003/110614.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A entrada na escola aconteceu através do João, professor de Educação Física da turma. O mesmo nos apresentou à direção da unidade que autorizou a pesquisa e nos indicou a turma 1101. A turma 1101 possuía um total de 32 alunos do Ensino Médio com 20 alunos e 12 alunas entre 15 e 18 anos. Todavia, durante as aulas a média de frequência ficava entre 20 e 22 alunos. As aulas eram ministradas às segundas-feiras no período da tarde das 15:00 às 16:30 horas.

A escola possuía um amplo espaço de convivência, composta por uma quadra coberta poliesportiva; um auditório; uma sala de professores; 18 salas de aulas; oito laboratórios seis unidades zootécnicas; Fábrica de Ração; Escola do Vinho; Centro Vocacional Tecnológico (CVT) em Agroecologia; Setor de Agroindústria; Setor Agrícola; e restaurante institucional. Além de alojamento para os alunos e um estacionamento.

A quadra utilizada para as aulas de educação física curricular era coberta, porém apresentava algumas partes com problemas no piso e não possuía bebedouro para os alunos,

³ Nome fictício.



fazendo com que estes precisassem sair da quadra e se descolassem para beber água em outro local⁴.

3.1. PERFIL DO PROFESSOR

Observamos as aulas do prof. João, que naquele momento possuía 39 anos de idade e havia se formado em educação física pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) no ano de 2003. Escolheu a profissão de professor de Educação Física por sua experiência no esporte antes de ingressar no ensino superior. Ele concluiu, em 2007, uma especialização em fisiologia do exercício.

O professor afirmou que começou a trabalhar na educação escolar durante seu curso de formação inicial de Educação Física. Antes de trabalhar no IFSertão, já fazia estágio na área escolar e atuou em academias antes do seu ingresso na instituição. No ano de 2008, João ingressou no IFSertão como professor efetivo de Educação Física ministrando aulas para o ensino médio.

Seu primeiro contato com o Rugby foi em 2010, quando um ex-funcionário do IFSertão apresentou o conteúdo para os professores. Naquele momento, gostaram da modalidade e resolveram disseminar o conteúdo através de oficinas no contra turno escolar para os alunos da instituição. E em 2012 as aulas de Educação Física ganharam mais esse conteúdo no currículo.

João imaginava que o Rugby atenderia apenas a um grupo reduzido de alunos. Entretanto, após conhecer melhor este conteúdo, percebeu que esse oferecia outros elementos para serem socializados com os alunos. Ele relatou que, por possuir pouca experiência com a modalidade, precisa estar sempre consultando na internet para ver novas estratégias de ensino para a construção das aulas. O professor apontou que o mais interessante no Rugby é ser um esporte diferente que atrai atenção dos alunos, além disso, em sua opinião, essa modalidade tem muito a oferecer na formação dos alunos.

3.2. AS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Antes de iniciar as aulas práticas de Rugby, os alunos foram orientados a participar de um curso com aulas teóricas sobre o conteúdo em uma plataforma *online*. Esta plataforma *online* é disponibilizada gratuitamente pela Federação Internacional de Rugby. O professor João utilizou essa estratégia para que os alunos tivessem alguma proximidade com o conteúdo

⁴ Na última visita de campo pude observar que já tinham colocado um bebedouro na quadra para os alunos.



do rugby antes de iniciar as aulas práticas. Ele afirmou que a plataforma é bastante didática e ajudaria os alunos a despertarem o interesse pela modalidade.

Ao final das aulas na plataforma foi realizada uma prova *online*, onde os alunos responderam na própria plataforma. O professor João afirmou que contabiliza esta nota como uma das avaliações da disciplina da educação física. Ele apontou que além da nota na plataforma, a avaliação na disciplina é feita também através da frequência e participação nas aulas práticas de Rugby.

Na primeira aula, observamos que o professor João recolheu os certificados dos alunos referentes ao curso de Rugby realizado na plataforma *online* citada acima. Assim como, reuniu os alunos e fez algumas perguntas sobre a modalidade e o que viram nesse curso.

Para as aulas práticas solicitou que fossem utilizadas roupas adequadas para a prática de atividade física, mas durante a observação percebemos que não era cumprido por todos. A escola não oferecia uniforme ou possuía uma regra mais explícita sobre a vestimenta para as aulas de Educação Física, inclusive sobre os calçados, pois muitos participavam das aulas sem calçados.

O professor João, afirmou que ensina o Rugby de uma maneira bem global, não costumando dar ênfase a nenhuma parte específica da modalidade. Sua preocupação maior é que eles entendam o desenrolar do jogo, pois de acordo com o professor, nas aulas de Educação Física não há a preocupação em formar atletas de Rugby. Uma resposta um tanto generalista, mas isso ajudou a ajustar as lentes para a nossa observação.

O início da aula era sempre realizado de uma forma semelhante: ao chegar à quadra o professor João pegava os materiais (seis bolas de Rugby e cones) com a ajuda de algum aluno. Em seguida, reunia os alunos no centro da quadra em semicírculos para fazer a chamada.

As aulas observadas seguiam uma mesma rotina. O professor primeiro explicava os fundamentos básicos que seriam abordados durante a aula. Em seguida, a turma era dividida entre alunos do sexo masculino e feminino. O professor justificou essa divisão na parte técnica e tática por conta da modalidade ter bastante contato físico, mas acrescentou, que em atividades lúdicas ligadas à modalidade, os grupos mistos com alunos de ambos os sexos poderiam ser feitos. Em outro momento da aula foi realizado um jogo com todos os alunos juntos.

Durante as atividades, o grupo das alunas possuía maior dificuldade em realizar os movimentos propostos pelo professor. Outro ponto observado é que elas encararam esse primeiro momento de uma forma mais descomprometida deixando de realizar alguns



movimentos conforme orientação do professor. Enquanto, os alunos do sexo masculino se mostravam mais participativos e engajados.

Algumas atividades possibilitavam interação entre os alunos evitando exercícios analíticos e repetitivos. Durante as atividades, o professor buscava apontar os erros da execução técnica dos movimentos esportivos. Outra característica presente nas aulas foi sua constante interrupção. Geralmente as aulas tinham que ser interrompidas para que os alunos pudessem beber água, pois o ginásio não possuía um bebedouro.

3.3. A AVALIAÇÃO

No que se refere à avaliação, pudemos observar dois instrumentos: no primeiro, conforme falamos anteriormente, era a prova *online* na plataforma. O segundo instrumento utilizado não possuía o conteúdo Rugby como tema. O professor solicitou um trabalho sobre Índice de Massa Corporal (IMC), onde cada grupo ficou responsável por coletar os dados (terceirizados, servidores, alunos dos cursos superiores e alunos do médio integrado). O trabalho consistiu em uma parte prática para a coleta dos dados e a parte escrita que deveria ser entregue ao professor, abordando as seguintes questões: a finalidade e aplicabilidade do IMC. Notemos que as experiências vivenciadas na quadra não eram contextualizadas na avaliação da disciplina.

3.4. A OPINIÃO DOS ALUNOS

A seguir apresentamos os resultados referentes ao questionário que aplicamos com os alunos que participaram das aulas de Rugby do professor João. Dividimos o mesmo em duas categorias: Perfil dos alunos; Percepção sobre as aulas de Educação Física e a turma.

Na categoria Perfil dos alunos, levantamos a idade, sexo e o histórico de atividade física. Observamos que a idade dos alunos variou entre 15 e 18 anos; houve uma prevalência de alunos com 16 anos de idade (60,86%); 60,86% dos alunos eram do sexo masculino e 39,13% do sexo feminino. Ao serem perguntados se já haviam praticado alguma atividade física regular (6 meses), 26,08% responderam negativamente e 73,91% responderam afirmativamente.

Na categoria percepção sobre as aulas de Educação Física; 73,91% dos alunos responderam que gostam muito das aulas e 26,08% que gostam. Sobre a relação dos alunos com o professor, 65,21% responderam que é muito boa e 34,78% boa. Na pergunta sobre se os alunos



gostaram das aulas de Rugby, 30,43% responderam que gostaram muito, 39,13% gostaram e 30,43% responderam que mais ou menos⁵.

Ao serem perguntados sobre a separação entre meninos e meninas durante as atividades práticas, os alunos responderam da seguinte forma: 21,73% concordam totalmente; 17,39% concordam pouco; 8,69% não concordam nem discordam; 13,04% discordam pouco e 34,78% discordam totalmente. Nessa pergunta um aluno não respondeu.

Em uma pergunta relacionada ao curso *online* de Rugby; 13,04% dos alunos responderam que gostaram muito; 60,86% gostaram e 26,08% responderam mais ou menos. Na opinião dos alunos sobre a estrutura da escola para as aulas de Educação Física: 4,34% responderam que é muito boa; 8,69% que é boa; 13,34% não sabiam; 56,52% ruim e 26,08% muito ruim.

Em relação à interação entre os alunos durante as aulas as respostas foram as seguintes: 30,43% afirmaram que foi muito boa; 56,52% boa e 13,04% responderam que foi mais ou menos.

4 DISCUSSÃO

Nesta seção, discutiremos os dados apresentados e refletiremos sobre os pontos de destaque observados no processo de ensino aprendizagem do Rugby nas aulas de Educação Física da escola observada e a sua possível relação como uma concepção de boa prática no ensino.

Por mais reconhecimento que a Educação Física tenha conquistado na prática pedagógica, algumas questões ainda são difíceis de mudar, pois estão enraizadas na cultura escolar. Inicialmente foi acordada a nossa observação em 4 aulas de Rugby, mas devido a imprevistos no calendário acadêmico da escola, apenas 3 aulas puderam ser observadas. Observamos que em nenhum momento se falou em reposição das aulas canceladas, tanto pela parte dos alunos, como pelo professor. Corroborando com isso, Bassani, Torri e Vaz (2005) investigando as aulas de Educação Física de uma escola pública de Florianópolis, observaram que nem todas as aulas previstas são ministradas, e a principal razão para o baixo número de aulas estava relacionada à estrutura administrativa da Educação Física no ambiente pesquisado, que previa a não realização das aulas em dias de chuva. Na pesquisa dos autores, em nenhum momento tanto os alunos como a professora se mostrou preocupados com a reposição das aulas.

⁵ Utilizamos o termo “mais ou menos” para designar razoavelmente. A escolha deste termo foi para aproximar do vocabulário dos alunos.



Tanto em nossa investigação, quanto na pesquisa de Bassani, Torri e Vaz (2005) é possível perceber uma falta de preocupação com as eventuais perdas que os alunos possam ter em relação aos conteúdos da disciplina de educação física. Esse fato reforça a ideia da educação física como uma disciplina de “segunda classe” que está a serviço das outras disciplinas, ou seja, não representa um componente curricular, mas um grupo de atividades que tem como principal objetivo trazer diversão para o ambiente escolar (FARIA; MACHADO; BRACHT, 2012).

Outro ponto de reflexão na cultura escolar é o uniforme. Há na escola investigada e na fala do professor João uma noção do tipo ideal de vestimenta que seria apropriada para as aulas práticas, entretanto, como a instituição não disponibiliza uniforme gratuitamente para os alunos, existe uma permissividade para que eles usem calça jeans ou simplesmente fiquem descalços. Importante assinalar que enquanto não houver acordos sólidos na comunidade escolar, algumas questões não serão ultrapassadas. Ribeiro e Silva (2012) afirmam que a prática da uniformização transformou-se num elemento fundamental para a construção de um sistema educativo baseado no ideal de igualdade de oportunidade para todos, ainda que muitas vezes essa igualdade seja mais estética do que efetiva.

São inúmeras as dificuldades encontradas na adoção dos uniformes escolares para todos os alunos, tanto por parte do Estado, quanto por parte das famílias, devido ao fato de representarem um custo elevado, principalmente os calçados. Por outro lado, há indícios de que esse traje desempenhe uma função niveladora importante. Por meio dele, criava-se uma ideia de padronização e democratização do ensino, mesmo que na aparência, além de se conceder visibilidade pública a uma instituição social cada vez mais importante: a escola. Entretanto, não há na escola observada um modelo padrão de vestimenta de Educação Física, apenas uma orientação oral do professor acerca de uma roupa que deixe os alunos mais confortáveis para as aulas práticas.

É importante apontar que a falta de tempo e espaço para os banhos após as aulas de Educação Física pode ter contribuído para a não utilização de outra roupa. Em relação à estrutura destinada as aulas de Educação Física os alunos responderam da seguinte forma: 4,34% é muito boa; 8,69% é boa; 13,34% não sabiam; 56,52% ruim e 26,08% muito ruim. Prevalendo assim na opinião dos alunos que a escola possui uma estrutura ruim ou muito ruim para as aulas de Educação Física. A estrutura para as aulas deve ser pensada para além das quadras e devem incluir vestiários e espaços para higiene dos alunos.



Constatamos que tanto a hegemonia do esporte, a falta das aulas de reposição ou a falta do uniforme são questões presentes em distintas realidades escolares. Entretanto, não foram problematizadas, o que permite interpretar que de certa forma, esse fato é apontado como normal. É fundamental que essas questões sejam abordadas com a mesma seriedade que os debates acadêmicos e pedagógicos, pois só haverá mudanças efetivas na educação promovendo acordos com a comunidade escolar.

Os alunos apontaram que gostaram muito (73,91%) das aulas de Rugby. A abordagem de conteúdos distantes da cultura corporal dos alunos pode ser vista de forma positiva. Por ser uma instituição federal de ensino, onde os professores possuem maior tempo de dedicação à escola e apoio institucional, a entrada de conteúdos como o Rugby pode ter tido mais facilidade para acontecer.

Sobre as aulas, observamos que o professor possui a estratégia de reunir os alunos no centro da quadra em semicírculos antes e após as aulas para passar o conteúdo que vai ser trabalhado na aula e para fazer a chamada. Também observamos que havia uma tentativa de se inserir atividades lúdicas. Todavia, a prática do professor não pode ser considerada de uma concepção aberta.

Nas aulas do professor João, os alunos eram divididos em grupos para praticarem as técnicas do jogo. Entretanto, prevalecia o método tradicional e analítico. O professor é favorável pela separação entre alunos e alunas nos momentos de passar a parte técnica do jogo e mista apenas na segunda parte da aula onde ocorria o jogo. A justificativa para essa separação é contraditória, pois no jogo há mais contato físico que nos outros momentos da aula.

O tema de gênero nas aulas de Educação Física é uma questão amplamente debatida. Há um posicionamento de que qualquer tipo de separação nas aulas ocorreria em sexismo e fortalecimento de um ambiente discriminatório. De acordo com Jesus, Devides e Voltre (2008) a motivação é um fator importante no processo ensino aprendizagem e os professores podem aproveitar a tendência de meninos e meninas de fazerem atividades separadas por sexo para desenvolverem suas aulas, ora mistas, ora separadas. Na opinião dos alunos em nossa pesquisa, estes discordam na separação entre meninos e meninas. Notemos que os alunos de alguma maneira reproduzem ideias mais gerais sobre integração, que estão presentes na escola e na sociedade. Contudo, as aulas de educação física foram na sua maior parte do tempo separada entre os sexos.



Entretanto, existem questionamentos que afirmam que haveria espaços onde a separação seria uma forma de democratizar melhor os momentos de aprendizado. No estudo de Chan-Vianna, Moura e Mourão (2010), todas as pesquisas analisadas afirmam que uma das causas da discriminação nas aulas de Educação Física é a esportivização; os autores não encontraram argumentos que sustentem o gênero como a principal categoria de exclusão das meninas nas atividades; por outro lado, existe uma série de relatos que salientam que disponibilidade e habilidades para a prática esportiva são preponderantes para a inclusão das meninas nas aulas. Logo, é interessante perceber como o professor ora faz as aulas juntos ora separados em função da realidade de seu grupo.

Podemos perceber que a literatura possui questionamentos sobre uma posição determinante entre separar ou não separar alunos em todos os momentos. Porém, a postura do professor parece estar mais ligada à perpetuação da tradição em separar os alunos por sexo do que um posicionamento crítico frente a perspectivas de ensino e de aprendizado.

No que se refere à avaliação, esta se mostrou uma lacuna no processo de ensino e aprendizagem do Rugby. Não ficaram claros os critérios utilizados nesse processo, pois em nenhum momento foram expostos. As avaliações subjetivas, como frequência e a participação, também foram utilizadas como critérios de avaliação da aprendizagem. Moura e Antunes (2014) afirmam que é por meio da avaliação que é possível, através das informações quantitativas e qualitativas colhidas durante o processo de ensino, nortear os rumos das ações docentes no sentido de qualificar ao máximo o crescimento discente. Na Educação Física existe uma tendência à utilização dos indicadores de frequência e participação para a avaliação. Certamente, frequência e participação não são indicadores do aprendizado nas aulas.

Isso revela que a Educação Física, no espaço curricular da escola, está mais preocupada com o cumprimento da frequência compulsória e com o disciplinamento dos alunos. A presença na aula não garante a assimilação de aprendizado. No caso da participação, o único recurso é a observação livre sem registro, o que impossibilita um julgamento e um diagnóstico sobre aprendizados. Moura e Antunes (2014) e Moura (2012) supõem que é possível realizar uma prática progressista sem desvalorizar o movimento e a prática esportiva. Nas aulas de Rugby o professor João não fez uso de nenhum método de avaliação de forma qualitativa ou quantitativa do assunto abordado. A única “prova” sobre o assunto foi aquela realizada na plataforma *online*, que teve boa aceitação dos alunos (60,86% gostaram).



A avaliação teórica não acompanha o que acontece nas aulas práticas. O conteúdo para as aulas traz um assunto diferente e inovador na parte prática, mas que não avança para a avaliação teórica do processo ensino aprendizagem. Isso demonstra falta de articulação entre os saberes “práticos” e “teóricos” presentes no conteúdo. Pois, na medida em que o professor solicita um trabalho que não segue uma sequência com as aulas práticas, gera uma inversão sobre o que é importante no processo de ensino aprendizagem, ou seja, praticar o Rugby é importante, mas saber aspectos relacionados à modalidade não. Outro ponto a ser discutido é o fato de que o trabalho valeria como uma nota, e a aula não, valorizando assim mais um trabalho que não está relacionado com a especificidade do conteúdo vivenciado na quadra.

Os momentos de aprendizado foram marcados pela preocupação do professor com a correção dos movimentos. Embora houvesse essa preocupação com a técnica, em nenhum momento esse aspecto mostrou-se como foco principal do ensino. Esse pode ser uma forma de equilibrar o ensino. De acordo com Moura e Antunes (2014) o resultado da influência do movimento crítico culminou em secundarizar a especificidade da área. Antes do movimento crítico utilizava-se o ensino da técnica do esporte, mas após a incorporação dos argumentos deste movimento, o ensino da técnica foi deixado de lado por apresentar características de seleção e reprodução de movimentos. Nesse sentido, trabalhar de forma técnica ou mecânica de que qualquer tipo estaria relacionado ao tecnicismo, mecanicismo, biologicismo e a outros fantasmas que estão associados a uma Educação Física tradicional.

5 CONCLUSÃO

A adoção de conteúdos pouco conhecidos da cultura corporal da comunidade escolar pode auxiliar o professor a diversificar suas aulas e aumentar a motivação dos alunos em participar das aulas. Porém, este por si só não garante ou fornece elementos para que possamos considerar uma boa prática. A inserção de conteúdos deve vir acompanhada de mudanças, principalmente, aquelas ligadas às estratégias metodológicas e de avaliação.

A inserção do conteúdo de Rugby inova na medida em que rompe insere um conteúdo diferente daqueles vivenciados pelos alunos no ambiente da Educação Física escolar, mas deixa de inovar por não apresentar estratégias de aprendizagem, de sistematização e de avaliação do conteúdo. Reiteramos que a inovação nas aulas de educação física deve ser uma mudança na metodologia e estratégias de ensino do que apenas da escolha de um conteúdo mais exótico.



REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Felipe Quintão. Educação física escolar e práticas pedagógicas inovadoras: uma revisão. **Corpoconsciência**, v. 21, n. 3, p. 7-16, 2017.
- BASSANI, Jaílson José; TORRI, Danielle; VAZ, Alexandre. Educação do corpo, esporte e Educação Física Escolar. *Rev. Virtual EF Artigos*, Natal, v. 2. N. 4, 2005.
- BECKER, Howard. **Métodos de pesquisa em ciências sociais**. 3. ed. São Paulo: Hucitec, 1997.
- CAPARROZ, Francisco Eduardo. **A educação física enquanto componente curricular: entre a educação física na escola e a educação física da escola**. (Dissertação de Mestrado). São Paulo: PUC, 1996.
- CAPARROZ, Francisco Eduardo; BRACHT, Valter. O tempo e o lugar de uma didática da educação física. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 28, n. 2, p. 21-37, 2007.
- CARLAN, Paulo; KUNZ, Elenor; FERFENSTEIFER, Paulo. O esporte como conteúdo da Educação Física escolar: estudo de caso de uma prática pedagógica "inovadora". **Movimento**, Porto Alegre, v. 18, n. 04, p. 55-75, out/dez, 2021.
- CHAN-VIANNA, Alexandre Jackson; MOURA, Diego Luz; MOURÃO, Ludmila. Educação física, gênero e escola: uma análise da produção acadêmica. **Movimento**, Porto Alegre, v. 16, n. 02, p. 149-164, abril/junho, 2010.
- FARIA, Bruno de Almeida; MACHADO, Thiago; BRACHT, Valter. A inovação e o desinvestimento pedagógico na Educação Física escolar: uma leitura a partir da teoria do reconhecimento social. **Motriz**, Rio Claro, v. 18 n. 1, p. 120-129, jan./mar, 2012.
- FERFENSTEIFER, Paulo; Silva, MARLON André da. Ensaio sobre o novo na educação física escolar. **Rev. Bras. Ciênc. Esporte**, Florianópolis, v. 33, n. 1, p. 119-134, jan./mar, 2011.
- GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.
- GUIMARÃES, Yasmin Gomes. Identificação das boas práticas no ensino da Educação Física. **Relatório de Iniciação Científica**. Universidade Federal do Vale do São Francisco, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, 2015.
- JESUS, Mauro Louzada; DEVIDE, Fabiano Pries; VOTRE, Sebastião. Apresentação e Análise de Trabalhos Acerca da Distribuição dos Alunos por Sexo nas Aulas de Educação Física Escolar. **Movimento**, Porto Alegre, v. 14, n. 02, p. 83-98, maio/agosto, 2008.
- MAGNANI, José Guilherme Canto. De perto e de longe: notas para uma antropologia urbana. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v.17, n.49,2002.
- MATOS, Juliana Martins Cassari; SCHNEIDER, Omar.; MELLO, André da Silva; FERREIRA NETO, Amarílio Ferreira; SANTOS, Wagner. A produção acadêmica sobre conteúdos de ensino na educação física escolar. **Movimento**, Porto Alegre, v.19, n. 02, p.123-148, abr/jun, 2013.



MOURA, Diego Luz; Antunes, Marcelo Moreira. Aprendizagem técnica, avaliação e Educação Física Escolar. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 17, n. 3, p. 835-848, jul./set, 2014.

MOURA, Diego Luz. **Cultura e Educação Física Escolar**: da teoria à prática. São Paulo: Phorte, 2012.

OLIVEIRA, Sávio Assis de. **Reinventando o esporte**: possibilidades da prática pedagógica. Campinas: Autores Associados, 2001.

RIBEIRO, Ivanir.; SILVA, Vera Lúcia Gaspar. Das materialidades da escola: o uniforme escolar. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 38, n. 03, p. 575-588, jul./set. 2012.

SOARES, Carmem Lucia. Educação física escolar: conhecimento e especificidade. **Rev. Paul. Educ. Fís.**, São Paulo, supl.2, p.6-12, 1996.

VELHO, Gilberto. **Projeto e metamorfose: antropologia das sociedades complexas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994